

OS ESTUDOS DE CLASSE NA SOCIOLOGIA EM PORTUGAL:

uma entrevista com Virgílio Borges Pereira

Realizada por Edison R. E. Bertencelo^a

Virgílio Borges Pereira é professor associado com agregação do Departamento de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), onde leciona desde 1994, e investigador do Instituto de Sociologia da mesma instituição, unidade de investigação e desenvolvimento que integra o sistema científico nacional, o qual coordena cientificamente desde 2010. Colabora, desde 2003, com a Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto no curso de licenciatura/mestrado integrado e no Programa de Doutorado em Arquitetura. Desde 2008, é investigador associado do Centro de Estudos de Arquitetura e Urbanismo da mesma Universidade.

Atualmente, tem se especializado na sociologia das classes sociais e das práticas simbólico-ideológicas, com investigações realizadas na cidade do Porto, nas regiões do Vale do Ave e do Vale do Sousa, norte de Portugal. É professor visitante em várias universidades estrangeiras e coordena diversos colóquios científicos nacionais e internacionais, sendo autor de trabalhos publicados no país e no estrangeiro. Entre suas publicações, destacam-se: *Classes e culturas de classe das famílias portuenses: classes sociais e “modalidades de estilização da vida” na cidade do Porto* (Porto: Afrontamento, 2005), com José Madureira Pinto (Org.); *Pierre Bourdieu, a teoria da prática e a construção da sociologia em Portugal* (Porto: Afrontamento, 2007); com José Madureira Pinto (Org.), *Desigualdades, desregulação e riscos nas sociedades contemporâneas* (Porto: Afrontamento, 2008), organizou, também, *Ao cair do pano: sobre a formação do quotidiano num contexto (des)industrializado do vale do Ave* (Porto: Afrontamento, 2012), com João Queirós; *Na “modesta cidadezinha”: génese e estruturação de um bairro de casas económicas do Porto [Amial, 1938-2010]* (Porto: Afrontamento, 2012).

a Professor do Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo.

Revista Plural *Conte-nos sobre sua formação intelectual e sobre os programas de pesquisa que vem conduzindo, nos últimos anos.*

Virgílio Borges Pereira Fiz um percurso de formação em Sociologia, na Universidade do Porto, realizando, em um primeiro momento, uma Licenciatura, com a duração de cinco anos, entre 1988 e 1993, a que se seguiu um Mestrado, o qual se prolongou por cerca de dois anos, e, posteriormente, um Doutorado, a que dediquei cinco anos. Minha formação foi se tornando, progressivamente, mais especializada nas opções envolvidas no domínio do conhecimento sociológico e, desde cedo, foi se orientando para a problemática das divisões sociais e simbólicas. Devo dizer que me foi dada a possibilidade de conhecer, com algum detalhe, a relevância do trabalho de outras disciplinas das Ciências Sociais. Tentei integrar essas preocupações com o conhecimento das divisões sociais, a partir de referenciais analíticos alargados que articulassem não só uma atenção grande à dimensão econômica dos processos, mas também às suas dimensões culturais, o que me motivou a aliar conhecimentos econômicos e históricos, sem perder de vista contributos como os que dependem da etnografia ou da geografia. Para além disso, pude aliar a tentativa de obter um conhecimento relativamente alargado das áreas do saber sociológico, que, de algum modo, as formações superiores mais alongadas, na altura, vigentes no país, potenciavam, com a dedicação a diferentes processos de iniciação à investigação, em que tive a possibilidade de conjugar preocupações teóricas e desenvolvimento de pesquisas empíricas.

Beneficiei-me, em todo esse processo, de um percurso de aprendizagem muito intenso, realizado, a partir dos anos finais de minha Licenciatura, com o professor José Madureira Pinto, que me acompanhou, desde sempre, como orientador científico e cujos trabalhos de investigação foram e são uma influência decisiva em meu modo de pensar. Nesses anos iniciais de minha formação, os estudos desenvolvidos por José Madureira Pinto, no plano teórico, sobre as relações entre estruturas sociais e práticas simbólico-ideológicas e as análises que ele tinha dinamizado, juntamente com João Ferreira de Almeida, no plano teórico-empírico, sobre as transformações sociais no mundo camponês do Noroeste de Portugal, foram muito influentes tanto no delinear das principais questões sociológicas que fui formulando como no desenho das formas mais adequadas de obtenção de respostas para elas no plano da investigação empírica. É nesse quadro, onde está presente uma leitura muito atenta e, simultaneamente, muito original das relações entre divisões sociais e práticas simbólico-ideológicas, que fui procurando integrar a compreensão das vivências quotidianas dos agentes e dos contextos inquiridos, em uma linha de investigação que foi muito marcada por essa forma

de olhar, a qual militantemente conjugava o extensivo e o monográfico e que só pude alcançar por ter participado de uma dinâmica de aprendizagem criativa construída a partir da sala de aula, primeiro, em disciplinas de teoria sociológica contemporânea, depois, em seminários de investigação muito ricos, em que o debate era intenso, e a aprendizagem, partilhada. Sob conselho do professor José Madureira Pinto, conjugando criatividade teórica ao desafio do conhecimento da realidade social do país, em uma altura em que era necessário desenvolver um esforço relativamente considerável para acumular informação significativa sobre os mais diversos domínios da realidade nacional, iniciei, depois de algumas incursões exploratórias no estudo da cidade e de sua sociabilidade, um estudo sociológico sobre o núcleo antigo da cidade do Porto. Nesse estudo estavam presentes muitas das questões que viriam a marcar minhas pesquisas. Pude aprofundar a teoria e o método que lhe estavam subjacentes, em trabalhos subsequentes; primeiro em uma região industrializada do Norte de Portugal, depois no estudo mais alargado que dediquei à cidade do Porto.

Os estudos que venho conduzindo nos últimos anos continuam a prolongar uma parte muito significativa das preocupações e estratégias de trabalho desenvolvidas ao longo dessas pesquisas. Procuo ter, contudo, a preocupação em introduzir questionamentos complementares que permitam aperfeiçoar o olhar sobre problemas e contextos. É à luz dessa postura analítica que se desenvolveu o trabalho de revisitação da coletividade camponesa em transformação do Noroeste português, que José Madureira Pinto e João Ferreira de Almeida tinham estudado nos anos 1970, atividade em que me empenhei com grande entusiasmo, desde a sua génese, no ano de 2004, e cujos resultados temos constituído e analisado desde então.

Publicamos, em 2010, um primeiro volume, organizado por José Madureira Pinto e João Queirós, sobre a pesquisa (*Ir e voltar: Sociologia de uma colectividade rural do Noroeste Português*, 2010), e temos em mãos – João Ferreira de Almeida e eu próprio – o trabalho de organização do segundo volume, que deverá ser publicado em breve.

De igual forma, são também preocupações análogas, agora com questões centradas na compreensão das contradições a que o mundo operário industrial está sujeito, que me levaram a continuar a interrogar a região industrializada do Vale do Ave e sua crise, que analisamos, em um extenso trabalho coletivo, em *Ao cair do pano* (2012).

Por fim e procurando ser breve, diria que a prossecução mais evidente de minhas preocupações tem se traduzido no estudo da cidade do Porto, a partir da

relação entre a estruturação do espaço social e a produção do espaço físico, por um lado, e da relação entre essas realidades e as políticas públicas, em particular da política habitacional, por outro; trata-se de algo que tenho desenvolvido de forma mais sistemática, nos últimos oito anos. Beneficiando-me do convívio acadêmico e profissional com o professor António Teixeira Fernandes, fundador do Instituto de Sociologia da Universidade do Porto e um reconhecido especialista, entre outros domínios, na análise do Estado, fui também integrando o interesse pela análise da política, em meus estudos. Tenho ainda me beneficiado da partilha de interesses e atividades acadêmicas com vários colegas do Centro de Estudos de Arquitetura e Urbanismo da Universidade do Porto. Na sequência das investigações sobre a configuração do espaço social portuense, fui, por isso, incluindo progressivamente a necessidade de estudar os efeitos da política habitacional na cidade e em seus habitantes. Temos reunido um acervo muito significativo de informação, e é a este que mais tenho dedicado minha atenção nos últimos anos, quer por aqui se situar um núcleo muito importante de exigência teórica e metodológica, decorrente da necessidade de conjugar estratégias de objetivação muito diversificadas, que incluem a análise de arquivos históricos e institucionais, a análise etnográfica, para além do inquérito sociológico e da entrevista, tal como pudemos demonstrar em um livro que publiquei com João Queirós (*Na modesta cidadezinha: génese e estruturação de um bairro de casas económicas do Porto* [Amial: 1938-2010], 2012), entre outros trabalhos, quer ainda por se associarem a esses trabalhos várias teses de Doutorado em Sociologia que tenho orientado e que têm me ajudado a renovar meu pensamento sobre a cidade.

De resto, a partir da acentuação do estudo dessa relação entre espaço social, espaço físico e política, alguns dos estudantes que comigo trabalharam deram passos muito substantivos no avanço do conhecimento sobre a cidade do Porto contemporânea. Estou convencido de que a próxima publicação das respectivas teses de Doutorado ajudará a reforçar essa ideia. Sublinharia, por isso e com esse propósito, a importância de que se tem revestido, nesses trabalhos e nos restantes que mencionei, o trabalho coletivo e a capacidade de se conjugarem agendas de investigação que são marcadamente sociológicas, mas que geram perspectivas de investigação multidisciplinar, que, para além de renovarem permanentemente meu interesse pelo estudo da configuração social da relação com o trabalho e a economia, têm suscitado diálogos muito ricos com a história e com a arquitetura, para apenas citar dois exemplos de intercâmbio produtivo nesse nível.

Revista Plural *O estudo das relações de classe em Portugal é uma das principais preocupações que orientam suas pesquisas empíricas. Os estudos de classe ocupam um lugar central na Sociologia portuguesa mais amplamente? E como você descreve os contornos principais dos debates sobre as relações de classe na Sociologia portuguesa, atualmente?*

Virgílio Borges Pereira Sim, é verdade que o estudo das relações de classe em Portugal é uma de minhas preocupações principais, e também se pode afirmar que a Sociologia das classes sociais teve lugar central no processo de constituição da Sociologia portuguesa, por razões que se prendem quer com a relevância, historicamente falando, das desigualdades sociais no país, quer com o modo, particularmente heurístico, como os sociólogos que protagonizaram alguns dos momentos principais da institucionalização da disciplina em Portugal souberam assumir as preocupações próprias da Sociologia das classes nas agendas de pesquisa, as quais, então, se dinamizaram.

Atentando-se aos contributos diretos de José Madureira Pinto e de João Ferreira de Almeida – particularmente ativos, em meados e no final dos anos 1970, na dinamização de investigações que viriam a ter um estatuto de relevo na institucionalização da Sociologia portuguesa em termos acadêmicos –, é possível verificar que a conceitualização sociológica por estes desenvolvida sabia incorporar a necessidade de ultrapassar alguns dos impasses que marcavam os debates internacionais sobre as questões de classe e de estratificação, na época. Os estudos que estes desenvolveram e, especificamente e mais tarde, as grelhas de análise dinamizadas pelos trabalhos de João Ferreira de Almeida, António Firmino da Costa e Fernando Luís Machado, ou os estudos sobre disposições sociais de José Luís Casanova, deram contributos muito significativos para o conhecimento das estruturas de classe no país e para a leitura dos protagonismos sociais que estavam e estão subjacentes ao processo de recomposição social que o país viveu no último meio século. Afirmar a relevância desse contributo, bem como o de outros autores, como Manuel Villaverde Cabral, mais inspirado pelos trabalhos de John Goldthorpe, ou Elísio Estanque e José Manuel Mendes, mais inspirados pelas investigações de Erik O. Wright, e até certa intensificação do interesse pelas temáticas das classes sociais nos últimos anos, como resultado do recrudesimento das tensões sociais, impelido pela crise econômica, não significa, contudo, que a vitalidade dos estudos sobre classes sociais tenha sido permanente ao longo destas últimas décadas. Não obstante o interesse e o dinamismo revelado pelos sociólogos das classes em Portugal, ao longo de alguns momentos das duas últimas décadas, verifiquei que as agendas científicas que se constituíam nem

sempre se beneficiavam dos adquiridos teóricos e empíricos que resultaram do esforço desses diferentes sociólogos. Sob o efeito de algumas modas científicas, a que os sociólogos não são alheios, parecia que conceitos como os de desigualdade e de classe social não seriam mais heurísticos, sem que, no entanto, tivessem existido transformações sociais de relevo que suportassem tais decisões. Os últimos anos contribuíram para que tal tendência se invertesse, e espero que o renovado interesse de que esses temas são alvo, e que agora parece ser mais resiliente, possa ser acompanhado por uma renovação dos debates e por uma definição consistente de agendas de investigação.

A Sociologia ganha definitivamente com isso, mas é a consciência que a sociedade portuguesa pode ter de si que, com isso, pode ser incrementada. As agendas de investigação na área da Sociologia das classes tendem, na atualidade, a ser marcadas pelas preocupações com o estudo da distribuição de recursos educativos e com as políticas nessa área, pelas investigações sobre as relações entre desigualdade, valores e cidadania, em diferentes domínios, mantendo-se, por fim, o foco na análise das recomposições sociais no país, marcado, nos tempos mais recentes, pelas investigações e pelos debates em torno da pobreza e da precariedade laboral, da crise da classe média e das transformações no interior das classes dominantes.

Revista Plural *O que você destaca como os principais aspectos de seus estudos de classe?*

Virgílio Borges Pereira Em uma resposta breve, diria que meus estudos tentam demonstrar como será possível beneficiar-se do efeito da cumulatividade na produção de conhecimento científico sobre a sociedade. Partindo de adquiridos teóricos sólidos, frequentemente coletivos, produzidos e testados em múltiplos trabalhos ao longo do tempo, é possível avançar no conhecimento da realidade social, dando a conhecer regularidades e fazendo emergir novos problemas. É da capacidade de mobilizar, não sem criatividade, tais adquiridos teóricos, os quais são também metodológicos e técnicos, que depende a possibilidade de gerar novos conhecimentos. Diria, por isso, que, em um primeiro momento, seria esse aspecto que mais poderia se destacar e que se materializa na possibilidade de mobilizar os já referidos trabalhos dos sociólogos portugueses das classes, ou os trabalhos de Pierre Bourdieu, entre outros. Em articulação com isso, destacaria também o modo como uma abordagem desse teor – que responde, no domínio da análise das classes sociais, por uma perspectiva estruturalista, ainda que genética e crítica – se articula com um propósito de conhecimento das vivências cotidianas, em diferentes contextos sociais e territoriais. Essa dimensão territorial-

lizada e próxima do vivido será outro aspecto relevante, que se conjuga bem com uma tradição de investigação com esse perfil que existe hoje em Portugal. Em relação com esses dois traços, destacaria, por fim, o modo como tenho procurado, com o apoio dos colegas que mais diretamente têm partilhado comigo esse percurso, implementar estratégias metodológicas que conjugam abordagens extensivas e intensivas, algo que só tem sido possível concretizar porque essa dimensão coletiva do trabalho se encontra inscrita no âmago dessas investigações.

Revista Plural *A investigação da produção do cotidiano pelos agentes ocupa lugar central em suas pesquisas, ao lado da preocupação em reconstruir o processo de formação das classes sociais. Que relação seus estudos constroem entre fenômenos sociológicos?*

Virgílio Borges Pereira A adoção de uma perspectiva centrada sobre o cotidiano e a preocupação com os processos de formação de classe obrigam-nos a um grande esforço de pensamento relacional e, nessa medida, fazem dos exercícios que propomos inevitáveis trabalhos de síntese. Será esse – penso isso muitas vezes – o aspecto mais exigente inerente a uma tarefa como essa. Durante muito tempo, procurei encontrar uma fórmula heurística para proceder a esse exercício de relacionar fenômenos sociais. A classe e o espaço social são conceitos relacionais. Sua viabilização depende da capacidade de fazê-los interrogar domínios variados da realidade social, sendo, por isso, muito importante encontrar meios para potenciar essa capacidade de relação. Isso significa que tem de existir um grande investimento na teorização e análise de classes e capitais, mas considero que esse investimento não deve se esgotar aí, como aconteceu com alguns estudos de Sociologia das classes (que se tornaram, por isso, autorreferenciais e escolásticos, no sentido menos heurístico da palavra). Quer dizer, também os elementos centrais da teoria das classes devem ser interrogados, do ponto de vista empírico, pois só assim será possível avançar no conhecimento do modo como os capitais se formam e transformam.

Por outro lado, a Sociologia da vida cotidiana, construída a partir de uma teoria das práticas sociais e simbólicas fundada sobre o tempo e o espaço físico socialmente apropriado, pode ser um ativo de relevo a esse nível: não só se enriquece a análise do cotidiano, mas também se potencia a relação a que os conceitos de classe e de espaço social convidam. Foram essas as vias que segui, tomando, inicialmente, como referência um conjunto de teorizações sociológicas sobre os tempos sociais, definido em torno de obras como a de Norbert Elias, que inscrevi em uma análise das modalidades de estilização da vida, a partir de uma

inspiração weberiana que procurei potenciar. Isso implica ser capaz de encarar sociologicamente a espessura dos tempos sociais, começando, como está implícito na análise de classes, pelo tempo de trabalho, mas atribuindo um estatuto analítico também aos tempos libertos do trabalho e do lazer. A adoção dos tempos e dos espaços das práticas que assim se consuma remete-nos para a necessidade de conceber sua estruturação específica (quais são as regularidades que definem determinada prática?), e, mais importante ainda, também para a necessidade de conceber o modo como as diferentes modalidades de prática se relacionam com outras modalidades de práticas, próximas ou afastadas.

A configuração do cotidiano, e dos estilos de vida nele, poderá ser conhecida pela análise dessas relações. A mesma preocupação será válida para outros domínios, do foro das representações e das tomadas de posição simbólica. A análise das determinações sociais e dos horizontes de inscrição no espaço social de tais modalidades será o exercício que seguidamente se impõe. Como se depreende, a teorização afinada das relações entre fenômenos sociais é aqui crucial.

Revista Plural *Você vem conduzindo pesquisas bastante abrangentes sobre as classes sociais e as modalidades de estilização da vida na cidade do Porto, tomando como principal referência a obra do sociólogo francês Pierre Bourdieu. Que linhas de comparação são possíveis de serem estabelecidas entre as estruturas do campo das classes sociais na sociedade portuguesa (e, mais especificamente, na referida cidade) e na sociedade francesa estudada por Bourdieu, em suas principais obras?*

Virgílio Borges Pereira De fato, encontrei na obra de Pierre Bourdieu, desde logo, em *La distinction*, a concretização de um programa de pesquisa verdadeiramente relacional, dotado de um potencial analítico muito alargado. Foi uma obra decisiva em minha formação e na definição das dimensões fundamentais do trabalho de análise de desigualdades e classes sociais no Porto e nos outros contextos que tenho estudado. O fato de a obra de Bourdieu constituir-se também como uma referência plenamente integrada nos programas de pesquisa usados por José Madureira Pinto e João Ferreira de Almeida, estes, nas fases iniciais de suas pesquisas, muito influenciados pelo *Esquisse d'une théorie de la pratique*, mas sensíveis, ao longo de seu próprio percurso, às implicações de *La distinction*, ajudou a tornar a análise desse livro um trabalho sistemático que procurei integrar nas perguntas que fui definindo. Devo dizer que li, e continuo lendo, com o maior interesse, essa obra, e nela encontro permanentemente pistas novas. Muito se disse e muito se tem escrito sobre as diferentes implicações da investigação que

Bourdieu conduziu sobre o gosto e os respectivos fundamentos sociais, mas cedo fui percebendo (e é importante dizer que essas atividades ocorrem, em meu caso, durante os anos 1990) que, à época, poucos daqueles que discutiam tais implicações o faziam tomando por referência um quadro analítico informado por preocupações teóricas e, não menos relevante, por resultados de pesquisa empírica suscetíveis de dialogarem com as propostas que Bourdieu fazia e em termos equivalentes aos seus. De resto, nunca deixei de interpretar o legado de Bourdieu, neste e em outros domínios, como uma proposta interpretativa, com base em extenso e infatigável trabalho de campo, como um convite à dinamização de investigação teoricamente fundada, e não como uma teoria fechada, um veredito final sobre a realidade social, como recorrentemente parecia e parece afirmar-se a seu respeito.

Ora, a esse propósito, e salvaguardando evidentes diferenças que existem relativamente à realidade social francesa dos anos 1960 e às lógicas de constituição das classes e frações de classe que a caracterizavam, assim como a própria dinâmica de estruturação dos estilos de vida e das práticas que os compunham, tem sido possível verificar que os processos de formação do espaço social portuense, que pude estudar na transição do século XX para o século XXI, podem ser interpretados com vantagem, retendo a pertinência das diferenças de volume global de capital dos agentes sociais e da composição de sua estrutura. Tudo indica, por outro lado, que é possível identificar relações de homologia não irrelevantes entre o espaço social assim concebido e o espaço dos estilos de vida, entre outros aspectos. Para além disso, a articulação entre os resultados assim documentados e a respectiva inscrição no espaço físico da cidade revelou aspectos congruentes com as análises sobre o enraizamento social e cultural de práticas e representações dos agentes sociais, em registos compatíveis com aqueles que Bourdieu e seus mais diretos colaboradores desenvolveram, em obras como *La misère du monde*, por exemplo.

Nesse sentido, direi que, não obstante as diferenças importantes que existem, desde logo, na história da estruturação do capital econômico e do capital cultural, entre sociedades como a francesa e a portuguesa, há dimensões muito relevantes da teorização de Bourdieu que podem ser heurísticamente mobilizadas para o conhecimento desta última. Os estudos desenvolvidos sobre o espaço social portuense parecem dar conteúdo a tal afirmação, mas temos encontrado fundamentos da relevância desses exercícios em outros domínios e contextos da realidade nacional. Sem preocupações de exaustividade e apenas para dar mais dois exemplos que tocam em domínios muito distintos da realidade, direi que as investigações de Bourdieu sobre os intelectuais parisienses, tal como as concebeu em *Homo Academicus*, podem ser

mobilizadas com propriedade para ler o espaço social dos intelectuais do Porto da primeira metade dos anos 1960, tal como decorre dos estudos de Bruno Monteiro, que em breve estarão publicados e em que tenho também colaborado ativamente. Algo de equivalente será possível dizer dos trabalhos sociológicos que Bourdieu dedicou à análise do tempo, nomeadamente *Algérie 60* (livro dedicado à análise da sociedade argelina e às profundas crises que ela atravessou), que se revelaram decisivos para a compreensão das transformações decorrentes do processo de desindustrialização nas regiões que temos estudado a esse propósito, no Norte de Portugal, e a que fiz anteriormente alusão. Não tenho, assim, qualquer dúvida sobre a capacidade de promoção de investigação sociológica da obra de Bourdieu e vou tendo a noção de que poderemos mobilizá-la com grande proveito analítico para continuar a interrogar várias das dimensões mais marcantes da sociedade portuguesa contemporânea.

Revista Plural *Por fim, quais são os principais desafios (teóricos, metodológicos, empíricos) a serem enfrentados pelos estudos de classe na Sociologia portuguesa e alhures?*

Virgílio Borges Pereira Os desafios são múltiplos. Para tentar simplificar a resposta, partirei de um quadro de análise que retém, sobretudo, os efeitos da “reformulação” que Bourdieu provoca nos estudos sobre Sociologia das classes sociais, para reter a leitura que Loïc Wacquant faz do processo. Não seria inteiramente esse o modo de responder, caso não tivesse em conta esses efeitos e caso respondesse a partir de um plano mais geral relativo ao da Sociologia das classes que não os tenha incorporado. Do ponto de vista teórico, saliento, assim, a importância de se continuar a investir no estudo sociológico dos processos de formação (e de eventual deformação) de capitais, para assim compreendermos as estratégias dos agentes e as modalidades de recomposição e/ou de crise a que os mecanismos de reprodução social estão sujeitos nas sociedades contemporâneas, tendo o cuidado de conhecer com detalhe a história desses mecanismos e as margens de sua variação nos espaços politicamente constituídos (países, regiões, municípios). Do ponto de vista metodológico, os desafios são também significativos e envolvem a capacidade de se prosseguir na estratégia de conjugação de abordagens diferenciadas, algo que é muito exigente e que nem sempre é fácil de se constituir. Seria muito interessante se pudessemos continuar a investir em programas de objetivação extensivos, que permitissem reunir séries de dados alargados sobre a estruturação de capitais, de práticas e representações, mas é tanto ou mais relevante que se possa conjugar tais investimentos com estratégias de

objetivação etnográfica que nos permitam fazer compreender o sentido das posições, das disposições sociais e das tomadas de posição dos agentes no espaço e, não menos importante, sua trajetória no tempo. O desafio empírico é, nessa medida, fundamental. Por sua configuração, a Sociologia assim desenvolvida exige a interrogação sistemática da realidade. A esse propósito, os desafios maiores passarão pela capacidade de construir planos de objetivação que saibam articular planos de análise mais compósitos, que incluam, por exemplo, níveis infra e supranacionais. São exercícios muito delicados, já que, para serem bem-sucedidos, tal como se depreende do que tentei afirmar, implicam uso ativo da história e análise cuidada da variação que ela introduz na formação dos espaços sociais e das classes. Ainda assim, é um desafio verdadeiramente exigente e que, muito possivelmente, só poderia ser enfrentado por um coletivo muito mobilizado de investigadores, algo de semelhante ao intelectual coletivo que Bourdieu tanto procurou promover.

Tais desafios são válidos para a Sociologia das classes em geral, e não apenas para a portuguesa. Ainda assim, pela originalidade de sua história e não obstante as dificuldades, penso que a Sociologia das classes desenvolvida em Portugal poderia enfrentar de modo criativo e qualificado os desafios que acabei de elencar.